



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

GT 2 - Organização, mediação, tecnologia e sociedade

RACISMO E BRANQUITUDE: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Rosângela Ferreira Odilon¹

Nancy Sánchez Tarragó²

RESUMO

Este artigo realiza uma análise bibliométrica da produção científica sobre racismo e branquitude na Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). O estudo mapeou artigos indexados nas bases Scopus, Dimensions e BRAPCI entre 2010 a 2024, com objetivos de analisar a evolução temporal, caracterizar os agentes produtores e descrever os principais temas. Os resultados indicam um pico de publicações a partir de 2020, associado ao movimento Black Lives Matter. Identificou-se a predominância de autores racializados, notadamente mulheres negras, e uma hegemonia de instituições dos Estados Unidos e Canadá, com o Brasil como único representante significativo do Sul Global. A produção é majoritariamente composta por artigos científicos (80%). Os resultados revelam que as discussões, embora em crescimento, permanecem fragmentadas e concentradas no Norte Global. Conclui-se que o campo ainda é incipiente, refletindo as assimetrias do sistema global de conhecimento, e defende-se a urgência de transversalizar esses debates para desconstruir as bases colonialistas da BCI e promover a justiça epistêmica.

Palavras-chave: Racismo; Branquitude; Ciência da Informação; Biblioteconomia.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade foi estruturada com base na ideia de uma raça superior, na qual esse fator determinava não apenas o nível de inteligência e o caráter dos indivíduos, mas também suas perspectivas de ascensão social e acesso a oportunidades. Esse argumento serviu como justificativa para a perpetração de atrocidades, entre as quais se destaca a escravidão, “uma prática social e econômica na qual um indivíduo adquire direitos de propriedade sobre outro, tornando-o sob o uso da força a condição de escravo” (Vergner; Rocha, 2021, p.3). Essa ideologia não apenas foi corroborada, mas também financiada e disseminada pelo catolicismo, que associou indivíduos de pele não branca ao mal, bem como pela ciência, que contribuiu

¹ Graduanda em Biblioteconomia, UFRN. E-mail: rosangela.odilon@hotmail.com.

² Professora. UFRN. Email: nancy.sanchez@ufrn.br



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

ativamente para a consolidação do preconceito contra os povos negros (Nunes, 2006). Pesquisas no campo socioantropológico, assim como eventos históricos ocorridos na Alemanha, reforçaram a constatação de que “raça é elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológicos” (Almeida, 2012, p.24), desmistificando esse imaginário colonizador. No Brasil, esse fenômeno assume contornos particulares, como o "racismo à brasileira”, uma forma peculiar de racismo estrutural em que a sociedade perpetua desigualdades raciais, mas nega veementemente a existência do racismo, pois “o racismo no Brasil é pior do que aquele existente nos Estados Unidos, já que a dinâmica racial no Brasil impossibilitou que os negros-mestiços desenvolvessem uma consciência racial” (Figueiredo; Grosfoguel, 2009, p. 227). Essa negação está profundamente enraizada em uma "história única", conceito desenvolvido por Adichie (2009), que se refere à simplificação e homogeneização das narrativas históricas, apagando perspectivas marginalizadas e sustentando estereótipos dominantes.

Tais narrativas, repletas de vieses, operam como mecanismos eficazes de perpetuação do racismo, de modo a se fazer presentes em diversas esferas, entre elas a Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), que mesmo sendo campos que prezam pela democratização da informação, estão alicerçados em visões eurocêntricas que moldaram seus sistemas. Estudos consolidados como os de Aquino e Santana (2013), Santos (2020) e Silva (2022), discutem a manifestação do racismo nas representações da informação, evidenciando-o tanto nos sistemas de classificação, como a Classificação Decimal Universal (CDU) e na Classificação Decimal de Dewey (CDD) (Milani; Guimarães, 2017), quanto na própria composição dos acervos bibliotecários. Nessas estruturas, categorias e terminologias perpetuam estereótipos, enquanto produção de autores e autoras negras frequentemente é marginalizada ou ausente (Tanus; Tanus, 2020). Essa contradição sustenta uma violência epistêmica e material, reproduzida cotidianamente por instituições que se apresentam como imparciais, mas que na verdade operam como "dispositivos ideológicos do apagamento", relegando conhecimentos indígenas e afro-diaspóricos a posições periféricas e invisibilizadas. Esse processo reflete o que Carneiro (2005) define como epistemicídio, a eliminação sistemática de cosmovisões não-europeias, que são silenciadas, deslegitimadas ou apropriadas pelo cânone ocidental. Diante desse cenário, urge investigar como a BCI tem enfrentado o desafio de desconstruir suas bases colonialistas.

PAGE * MERGEFORMAT9



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Visando preencher essa lacuna, esse estudo realizará um mapeamento de produções científicas sobre branquitude, racismo, antirracismo e decolonialidade no campo da BCI, tanto no contexto nacional quanto internacional. Para isso, serão examinadas as bases de dados Scopus, Dimension e Brapci, com três objetivos interligados: 1) Analisar a evolução temporal da produção científica. 2) Caracterizar os agentes produtores mais relevantes e principais canais de comunicação 3) Descrever os principais temas que se discutem na produção científica analisada. Ao tensionar o passado colonial da área, busca-se contribuir para sua reinvenção como campo comprometido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Durante décadas, o racismo tem estado presente na sociedade, segregando e hierarquizando populações em diversas partes do globo. Mas, para entendermos o racismo, precisamos compreender a palavra que o originaliza. O termo "racismo" deriva da palavra "raça", que, segundo Munanga (2003), tem origem no italiano *razza*, por sua vez proveniente do latim *ratio*, que significa "sorte", "categoria" ou "espécie". A autora explica que esse conceito foi inicialmente utilizado na zoologia e na botânica para classificar espécies animais e vegetais, destacando que a noção de raça possui um campo semântico variável no tempo e no espaço. No latim medieval, o termo referia-se à descendência ou linhagem, indicando grupos com ancestrais e características físicas em comum. Foi apenas em 1684 que o francês François Bernier empregou a palavra no sentido moderno, categorizando a diversidade humana em grupos distintos. Nos séculos XVI e XVII, a nobreza francesa apropriou-se desse conceito para se distinguir da plebe, associando-se aos francos (de origem germânica) em oposição aos gauleses (vinculados à população local). Alegavam possuir sangue "puro" e habilidades superiores, utilizando essa narrativa para justificar sua dominação. Dessa forma, a ideia de raças "puras", originalmente vinculada à botânica e à zoologia, foi instrumentalizada para legitimar hierarquias sociais sem qualquer fundamento em diferenças biológicas reais. Esse discurso pseudocientífico, como apontado anteriormente, resultou em um dos maiores genocídios da história, cujas consequências perduram até hoje. No entanto, tais violências não geram comoção coletiva, como o Holocausto, uma vez que corpos não brancos continuam a ser vistos e tratados



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

como inferiores, violentos e animais, perpetuando assim a desumanização e a opressão racial.

Nesse contexto, identificamos o racismo como parte intrínseca da organização da sociedade, manifestando-se de diversas formas, entre as quais se destaca o racismo estrutural, que se consolidou como um eixo central no debate acadêmico e político ao demonstrar que o racismo transcende atitudes individuais, estando profundamente enraizado nas instituições e dinâmicas sociais (Almeida, 2019). Ainda segundo o autor, trata-se de um mecanismo que estrutura a própria organização da sociedade, moldando de forma sistemática e desigual o acesso a oportunidades, direitos e recursos com base em critérios raciais. Sua gênese está intrinsecamente ligada à formação dos Estados modernos, que, em consonância com a expansão capitalista e as ideologias coloniais, institucionalizaram hierarquias raciais para legitimar regimes de exploração econômica e dominação política (Mbembe, 2014).

A escravidão transatlântica, o colonialismo e as políticas segregacionistas não são meros capítulos de um passado distante, mas expressões fundamentais de um sistema contínuo de dominação racial. Esse sistema estrutura as relações sociais de modo a garantir que a presença afro e indígena permaneça na esfera mais baixa da hierarquia social, uma vez que, a cor da pele dita a posição de um indivíduo nessa hierarquia. Sendo assim, quanto mais clara for a cor da pele, maior o acesso a privilégios materiais e simbólicos; quanto mais escura, mais profundas são as barreiras à mobilidade e ao reconhecimento (Rossatto, 2014).

Nesse ponto se faz necessário discutir e refletir acerca da branquitude, termo idealizado por Du Bois (1990) e também discutido por intelectuais como Fannon (1952); Biko (1960) e Memmi (1989). Refere-se a identidade racial branca em um contexto de “privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo” (Cardoso, 2010), consolidando-se como categoria analítica fundamental para a compreensão das estruturas raciais contemporâneas. Os Estudos Críticos da Branquitude implicam na desnaturalização da brancura enquanto norma implícita, expondo-a como construção histórica sustentada por privilégios sistêmicos nos âmbitos social, econômico e político. A branquitude é mais que uma mera identidade, ela se configura como ponto central de poder e dominação que opera através de sua própria invisibilização (Miranda; Santos, 2021). Corroborando com

PAGE * MERGEFORMAT9



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

essa ideia, Bento (1998) aponta que existe um acordo que explica as desigualdades raciais em países vítimas da colonização como o Brasil, “[...] um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais” (Bento, 1998, p.6), denominado por ela como o pacto da branquitude.

Visando romper com este ciclo, surgem na década de 1990, nos Estados Unidos, os estudos críticos da branquitude (*critical whiteness studies*), tendo como objetivo “tirar o olhar das identidades consideradas de margem e voltar para autoconstrução do centro, com o intuito de olhar, revelar e denunciar também os conteúdos destas que até então haviam sido privadas de uma análise crítica” (Schucman, 2014, p.84). Em contextos institucionais como no da BCI, esses estudos revelam a persistência de lógicas excludentes, como observado nos sistemas de classificação, nas representações do conhecimento e nas práticas curatoriais, ainda que revestidos de neutralidade, reproduzem hegemonias brancas tanto na seleção de acervos quanto na valorização de saberes. O fenômeno do branqueamento biblioteconômico, expresso na marginalização de epistemologias negras, indígenas e periféricas em acervos, currículos e práticas profissionais, exemplifica essa dinâmica (Silva, 2020). Como demonstra Gomes (2016), tal processo não é contingente, mas estrutural, vinculado ao legado colonial da BCI e seu alinhamento histórico com o projeto iluminista europeu. Esse paradigma privilegia cânones específicos enquanto silencia cosmovisões oriundas de povos não brancos, estratégia que vem sendo desafiada pela emergência da Biblioteconomia Negra no Brasil. Essa desconstrução transcende a mera inclusão de diversidade, pois exige uma ruptura epistêmica com modelos coloniais de organização do saber. Isso implica não apenas a revisão de práticas e currículos, mas uma reestruturação radical das políticas de gestão informacional, redistribuindo o poder simbólico e material, uma vez que a verdadeira transformação antirracista só ocorrerá quando a branquitude for deslocada de seu status de norma incontestável.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para este trabalho foi realizado uma pesquisa quali-quantitativa com objetivos exploratórios e descritivo por meio de pesquisa bibliográfica e bibliométrica que constitui em [...] categorizar, segundo critérios variados, a produção bibliográfica dentro de uma área de conhecimento ou disciplina (Lenine; Mörschbacher, 2020, p.132). A pesquisa bibliométrica

PAGE * MERGEFORMAT9



27^o Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

foi complementada com a abordagem Análise Estrutural de Redes Sociais, para caracterizar relações existentes entre os agentes envolvidos na produção científica estudada por meio de levantamento bibliográfico em três bases de dados: a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), para produções nacionais, e a *Dimensions* e *Scopus* por serem bases de dados interdisciplinares, com coberturas de revistas distintas, o que as tornam complementares, abrangendo publicações a partir de 2010, por se tratar de bases de dados internacionais com grande volume de produções indexadas, (no caso da DIMENSIONS e *Scopus*), 1984 (no caso da BRAPCI) até o ano de 2024, por ter um menor número de produção indexadas quando comparada com as bases de dados internacionais. A coleta dos dados foi realizada em duas etapas distintas. Os dados da BRAPCI (<https://brapci.inf.br/>) foram coletados no dia 12 de julho de 2025. Posteriormente, os dados das plataformas Dimension (<https://app.dimensions.ai/>) e Scopus ([https://www-scopus-com.](https://www-scopus-com)) foram coletados no dia 7 de agosto de 2025. Para a escolha dos termos de busca, a pesquisa trabalhou com descritores relacionados às temáticas étnico-raciais, branquitude, etnicidade e racismo relacionando à Biblioteconomia, Ciência da Informação e Organização do conhecimento A estratégia de busca se fundamentou na seguinte expressão: ("*Library science*" OR "*knowledge organization*" OR "*library and information science*" OR "*librarianship*") ("*anti-blackness*" OR *racism* OR *racist* OR *racial* OR *ethnicity* OR *BIPOC* OR "*anti-racism*" OR "*critical race theory*" OR "*Critical whiteness theory*" OR "*whiteness studies*"). No caso da BRAPCI, por se tratar de uma base de dados nacional, os termos descritos acima foram inseridos no idioma português. Como resultado da busca, foram recuperados 674 registros correspondentes, distribuídos da seguinte forma: Scopus (170 registros), Dimensions (407 registros) e BRAPCI (100 registros). Após a coleta, os dados foram organizados em quatro arquivos distintos no *Microsoft Excel*, cada um contendo uma planilha específica.

Os indicadores de produção científica utilizados estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1: Indicadores utilizados para análise das produções das bases de dados

Indicadores de Produção	
Autor	Quantidade de documentos por autores



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Países	Quantidade de documentos por países
Revistas	Quantidade de documentos por fonte de dados (periódicos, anais de eventos)
Tipologia de documentos	Quantidade de documentos segundo tipologia (artigo, trabalho de evento, livro e capítulo de livro)
Ano	Quantidade de documentos por ano de publicação

Fonte: dados da pesquisa (2025)

Foi utilizado também o indicador relacional de coocorrência de palavras. A análise de coocorrência calcula a frequência na qual pares de palavras aparecem de forma conjunta em um corpus textual. A análise foi feita utilizando o software *VOSviewer*, que utiliza algoritmos de similaridade para agrupar em clusters as palavras com maior coocorrência. Dessa maneira é possível inferir relações entre termos que podem configurar agrupamentos temáticos. Essa análise buscou sistematizar como as discussões sobre antirracismo, teorias críticas da raça e branquitude têm sido incorporadas no campo da Ciência da Informação, destacando lacunas e oportunidades para pesquisas futuras. Para esta análise foi utilizado o campo Palavras-chave da base Scopus e as palavras do campo título e resumo das bases de dados *Dimensions* e *BRAPCI*. Antes de criar as redes de coocorrência de palavras em *VOSviewer*, foi elaborado um tesouro para padronizar a grafia e agrupar sinônimos ou variantes de termos estabelecidos pelos autores foi elaborado um tesouro.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise da produtividade acadêmica presente nos Gráficos 1, 2 e 3, por ano de publicação, mostram um pico significativo de publicações acerca da temática racismo e branquitude na BCI a partir de 2020, o que coincide com a confluência da pandemia da COVID-19, que amplificou o uso de plataformas digitais, e pela comoção global após o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos e manifestos do movimento *Black Lives Matters* em decorrência da violência deste assassinato. Esse contexto gerou um aumento multidisciplinar na produção científica, mantendo-se alta em anos subsequentes até 2024, quando os dados indicam uma queda nas produções acerca das discussões raciais. As bases

PAGE * MERGEFORMAT9



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Dimension e BRAPCI registram quedas no número de publicações, sugerindo saturação ou normalização do tema, já a *Scopus*, esta apresentou um crescimento expressivo (de 18 para 30 produções) no respectivo ano. Essa divergência pode estar associada ao fato de a base ser mais abrangente, representando melhor o universo de pesquisadores, e por indexar periódicos de maior impacto, o que confere maior visibilidade à produção científica (Santana; Mugnaini, 2018). Seu crescimento reflete não um aumento na quantidade total de trabalhos, mas sim uma maturação do campo, com foco em estudos de qualidade e especificidade, recuperados de forma mais eficiente por sua plataforma.

Quando analisamos a tipologia documental das produções científicas indexadas nas três bases de dados, identifica-se uma predominância absoluta de artigos científicos, que representam 80% do total da produção. Este dado evidencia a centralidade do periódico científico como canal de comunicação e divulgação de pesquisas na área, reforçando seu status como a principal unidade de valor no sistema acadêmico atual, o que para Galvão e Ricarte (2020) se deve-se ao fato de que a revisão de literatura é essencial para o trabalho acadêmico uma vez que evita a duplicação de pesquisas, permite observar possíveis falhas em estudos existentes e conhecer recursos necessários para a construção de novos estudos. Em segundo lugar, com 20% das ocorrências, aparecem os trabalhos publicados em anais de congressos e eventos. Essa tipologia é fundamental para a divulgação rápida de resultados preliminares, o estabelecimento de redes de colaboração e a discussão de ideias em estágio inicial de desenvolvimento. Os capítulos de livros, que correspondem a 10% da amostra, completam o panorama. Este formato geralmente permite um aprofundamento teórico ou a compilação de conhecimento consolidado sobre um tema específico, sendo frequentemente resultado de colaborações ou convites especializados.

Ao analisar os dados que representam os autores com maior produção sobre as temáticas étnico-raciais, branquitude, etnicidade e racismo relacionando à Biblioteconomia, Ciência da Informação, destacam-se três aspectos relevantes (Tabelas 1, 2 e 3). Em primeiro lugar, embora ainda predomine uma hegemonia de países do Norte Global e da Europa, os autores que ocupam as primeiras posições no ranking são majoritariamente racializados. Esse fenômeno indica uma ruptura na tradicional liderança de pesquisadores brancos na produção acadêmica, ao mesmo tempo que pode refletir o menor envolvimento destes as discussões

PAGE * MERGEFORMAT9



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

raciais. Um segundo ponto a ser ressaltado é o protagonismo de mulheres negras nas bases Dimension e Scopus. Nicole A. Cooke e Mónica Colón-Aguirre, ambas professoras da University of South Carolina (USC), nos Estados Unidos, destacam-se com significativa produção. Cooke lidera com 15 trabalhos na Dimension e 5 na Scopus, enquanto Colón-Aguirre registra 7 e 5 produções, respectivamente. É importante destacar também a presença de pesquisadoras brasileiras nas bases analisadas como Franciële Carneiro da Silva Garcês, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), que aparece tanto na Scopus quanto na BRAPCI e Dirnéle Carneiro Garcez, presente nas três bases de dados, com três produções em cada, exceto na Scopus, onde conta com duas publicações. Esses dados não apenas evidenciam a diversificação gradual dos sujeitos produtores de conhecimento, mas também reforçam a relevância de vozes negras no cenário acadêmico nacional e internacional.

No que se refere aos países com maior número de produção (tabela 4 e 5), evidencia-se uma hegemonia consolidada na produção científica indexada, uma vez que tanto na *Dimensions* quanto na *Scopus* os Estados Unidos (129 e 249) aparecem em posição de liderança, seguidos pelo Canadá (16 e 32). Tal concentração não é surpreendente, pois reflete a histórica centralidade do eixo norte-americano na dinâmica global de produção e circulação do conhecimento científico. Em contrapartida, apenas o Brasil (6 e 27) surge como representante do Sul Global nesse *ranking*, o que, embora significativo, ainda aponta para um desequilíbrio estrutural em termos de visibilidade e impacto científico. Esse cenário reforça discussões já amplamente presentes na literatura da Cientometria e da Ciência da Informação, sobretudo no que tange à desigualdade epistêmica e à persistente assimetria entre centros produtores de ciência (majoritariamente localizados no Norte Global). A hegemonia de Estados Unidos e Canadá pode ser interpretada como resultado de fatores múltiplos como robustez de financiamento público e privado, tradição institucional de pesquisa consolidada, domínio da língua inglesa como língua franca da ciência, e maior capacidade de inserção em redes internacionais de colaboração. Em seu estudo sobre *Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento* (os centros e periferias na circulação nacional e internacional do conhecimento), Beigel (2013) crítica a estrutura desigual do sistema acadêmico mundial e o lugar da América Latina nesse contexto. Ela também pontua como as bases de dados são enviesadas e que a cientometria dominante não mede a produção global de conhecimento, mas

PAGE * MERGEFORMAT9



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

apenas uma parcela restrita, vinculada a interesses comerciais e acadêmicos específicos e que por isso existe uma urgência em se construírem critérios de avaliação que valorizem a diversidade linguística, fortaleçam as redes regionais e promovam um diálogo mais simétricos entre os centros e periferias.

Nessa perspectiva, a presença do Brasil, ainda que tímida em termos quantitativos, é reveladora. Ela evidencia os esforços de internacionalização da pesquisa brasileira, especialmente a partir de políticas de fomento da última década. Todavia, o contraste em relação às potências do Norte Global sugere limitações estruturais, como restrições orçamentárias, barreiras linguísticas e desigualdades de acesso às infraestruturas de pesquisa de ponta. Nesse contexto, é pertinente questionar até que ponto essa hegemonia quantitativa reflete de fato uma hegemonia cognitiva? A predominância dos Estados Unidos e do Canadá não se resume ao volume de publicações, mas também se estende ao estabelecimento de agendas de pesquisa, definição de parâmetros metodológicos e influência sobre quais temas ganham centralidade nos debates globais. O Brasil, ao figurar nesse cenário, precisa enfrentar não apenas o desafio de ampliar sua produção, mas sobretudo o de conquistar maior relevância e autonomia epistêmica dentro da estrutura desigual do sistema científico internacional.

No que tange os periódicos (Gráficos 4, 5 e 6) observa-se uma distribuição distinta, com maior número de publicações entre as três bases de dados analisadas, *Dimension*, *Scopus* e BRAPCI, refletindo suas diferentes naturezas, escopos e abrangências regionais ou temáticas. Na *Dimension*, que é uma base de dados multidisciplinar e de acesso aberto com forte presença em produção recente, destacam-se periódicos com alta visibilidade internacional e amplo espectro temático, frequentemente com foco em ciências naturais, sociais, saúde e áreas afins como *Proceedings of the ALISE Annual Conference*, com 28 publicações, *Journal of the Medical Library Association*, com 10 publicações. Já a *Scopus*, reconhecida por sua curadoria rigorosa e prestígio acadêmico, tende a listar revistas consolidadas, com alto fator de impacto e reconhecimento global, muitas vezes das mesmas áreas, mas com um viés mais tradicional e institucional. Por outro lado, a BRAPCI apresenta um perfil completamente distinto, com periódicos majoritariamente brasileiros ou latino-americanos, muitos deles especializados em Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e áreas afins, refletindo a produção regional e temática nem sempre capturada pelas bases internacionais.

PAGE * MERGEFORMAT9



27^o Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Quando analisamos os periódicos presentes no *ranking*, observamos a presença do *Libray Trendes*, *Journal of Education for Library and Information Science* e *Reference Services Review* aparecem em entre *Scopus* e *Dimensions*, sugerindo uma sobreposição entre revistas de alto impacto internacional e as indexadas em plataformas de acesso aberto. No entanto, a quase inexistência de periódicos presentes na BRAPCI nas outras bases indica uma desconexão entre a produção regional especializada e os circuitos hegemônicos de publicação global. Isso significa que, embora a *Scopus* e a *Dimension* representem veículos de comunicação científica de alcance internacional, a BRAPCI cumpre um papel essencial na valorização e visibilidade de periódicos regionais e de nicho temático. A disparidade na cobertura de títulos entre bases de dados evidencia a necessidade de se consultar múltiplas fontes de indexação, a fim de obter uma compreensão abrangente e minimizar vieses na avaliação da produção acadêmica. Os mapas criados no software *VOSviewer* com os resultados extraídos da busca nas bases de dados (Figuras 1, 2 e 3) alvo desta pesquisa apresentam uma coocorrência de palavras-chave que, quando observados sob a perspectiva das questões raciais, revelam não apenas a presença (ou ausência) de termos relacionados a raça, diversidade e inclusão, mas também a forma como eles se articula com outros conceitos centrais da área. No contexto da *Dimensions*, nota-se uma rede mais dispersa com palavras como *librarian*, *information Science*, *critical race theory*, *knowledge justice* e *journal*, o que sugere que as discussões raciais aparecem de modo ainda fragmentado. Um fator que pode explicar esse resultado é que essa base não possui um mecanismo de busca por palavras-chave, consequentemente os termos presentes nas produções indexadas distribuem-se de modo pontual resultando na figura fragmentada visualizada. No caso da *Scopus*, percebemos que a densidade de nós e a força das conexões sugerem uma similaridade com os resultados da *Dimensions*, indicando que o campo de estudos raciais também se apresenta, em certa medida, como campo fragmentado e multidisciplinar, como por exemplo *racism*, *knowledge organization*, *whiteness*, *program* e *opportunity*. Contudo, uma análise mais detalhada revela uma diferença crucial na arquitetura temática, uma vez que *Scopus* possui o campo de busca de palavras-chave, o que reflete o resultado da análise de coocorrência. O posicionamento das palavras-chave com *racism*, *microaggression*, *color* e *witheness* dentro de clusters bem definido mostra que, nesta base as discussões são menos incidentais e mais intencionais. Isso sugere a existência de

PAGE * MERGEFORMAT9



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

comunidades acadêmicas consolidadas que investigam subtemas específicos como branquitude, teoria crítica, entre outros. Já na BRAPCI, a visualização revela algo bastante significativo. A emergência de termos mais específicos e localizados, relacionados diretamente às realidades brasileiras e latino-americanas. Aqui, a discussão racial se aproxima de categorias como “branquitude” e “teoria crítica da informação”. Isso denota que, no contexto brasileiro, as questões raciais aparecem fortemente conectadas a práticas sociais e culturais concretas, evidenciando a luta por visibilidade e o papel da informação como instrumento de resistência e emancipação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação, em seus fundamentos teóricos, trazem como eixo central a promoção da justiça social, da equidade no acesso e da democratização do conhecimento. No entanto, a trajetória histórica de ambas as áreas, como discutido anteriormente, evidencia um descompasso entre tais princípios e a prática efetiva, revelando um direcionamento que, em muitas ocasiões, perpetuam desigualdades estruturais. Essas desigualdades são evidenciadas na gestão e na organização do conhecimento, expressas em instrumentos como o de classificação, reduzindo religiões de matrizes africanas, por exemplo, a uma única categoria (Silva, 2018), invisibilizando-as e/ou marginalizando-as. Essa redução epistemológica segue reproduzindo hierarquias de poder de modo a cristalizar visões eurocêntricas e corroborar para a exclusão simbólica e cognitiva de comunidades inteiras. Ainda mais preocupante é a constatação de que o número de produções acadêmicas críticas a esse sistema permanece relativamente restrito, refletindo uma escassez de debates não apenas por falta de interesse em promover transformações significativas, mas também na resistência estrutural a revisar práticas consolidadas que sustentam um paradigma excludente. Este trabalho teve como objetivo investigar como a BCI tem enfrentado o desafio de desconstruir suas bases colonialistas, por meio de um mapeamento de produções científicas sobre branquitude, racismo, antirracismo e decolonialidade no contexto nacional e internacional, examinando as bases de dados Scopus, Dimension e Brapci analisando a evolução temporal da produção científica, caracterizando os agentes produtores mais relevantes e principais canais de comunicação e descrevendo os principais temas que se discutidos na produção científica analisada. O resultado deste trabalho

PAGE * MERGEFORMAT9



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

mostrou que existem produções científicas acerca das temáticas étnico raciais, da teoria crítica da branquitude na área da BCI, além de serem produzidas majoritariamente por autores(as) não brancos(a), mas que ainda há uma predominância hegemônica nos periódicos indexados nas bases de dados. Diante desse cenário, torna-se imprescindível que o debate seja acerca desta temática seja transversalizado em todos os espaços institucionais e acadêmicos onde o conhecimento é produzido, organizado e disseminado. Para pesquisas futuras sugerimos a produção de diagnósticos críticos em artigos e pesquisas que repensem práticas efetivas de valorização de saberes plurais, e sobretudo, que reconheçam o papel político das tecnologias de informação e organização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

AQUINO, Mirian de Albuquerque; SANTANA, V. A. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação a memória dos negros. **RICI**, Brasília, v.6 n.2, p. 17-36, 2013.

Brasil. (2011). **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htmS. Acesso em: 07 Ago. 2025.

BEIGEL, Maria Fernanda. **Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento**. 2013.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 5-58, 2002.

BIKO, S. (1990 [1978]). Escrevo o que eu quero. Série Temas, vol. 21. **Sociedade e Política**. Trad. Grupo Solidário São Domingos. São Paulo: Ática.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 22 maio 2025.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

DU BOIS, W. E. My evolving program for Negro freedom. **Clinical Sociology Review**, v. 8, n. 1, p. 5, 1990.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Londres: Paladino, 1970.

FIGUEIREDO, Ângela; GROSGUÉL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Sociedade e Cultura**, v. 12, n. 2, p. 223-234, 2009.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

GOMES, Elisângela. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 738-752, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

MEMMI, A. (1989). **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3ª ed. Trad. Roland Corbizer e Mariza Pinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MILANI, Suellen Oliveira; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Problemas relacionados a Biases em Sistemas de Organização do Conhecimento: perspectivas para a Representação de Assunto. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, v. 3, n. Especial, p. 72-92, 2017.

MIRANDA, Laisla Suelen. Notas sobre branquitude, privilégios e negação do racismo. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, v. 2, n. 8, p. 120-141, 2021.

MÜLLER, Jéssica Paola Macedo. **Cartografias subalternas: uma mirada desde o sul global à produção científica sobre estudos pós-coloniais e decoloniais na base de dados Scopus**. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Souza. 2020. 96f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/229614>. Acesso em: 30 Ago. 2025.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, v. 17, p. 89-98, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000100007>. Acesso em: 07 Ago. 2025.

ROSSATTO, César Augusto. A transgressão do racismo cruzando fronteiras: estudos críticos da branquitude: Brasil e Estados Unidos na luta pela justiça racial. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 120-133, 2014.

SANTANA, Anderson de; MUGNAINI, Rogério. A internacionalização nas Geociências da USP: comparação entre coberturas da Web of Science e da Scopus no nível micro. **Em Questão**, p. 111-133, 2018.

SANTOS, Andréia dos. **Análise da representação terminológica da temática negra em sistemas de organização do conhecimento**. 2020. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Acesso em: 30 Ago. 2025.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: Contribuições da Colômbia e do Brasil**, p. 119-202, 2020.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SALDANHA, Gustavo Silva. Biblioteconomia negra brasileira: caminhos, lutas e transformação. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**, v. 12, n. 2, 2019.

SILVA, Maria Clara Tavares da. **Racismo na Organização do Conhecimento: um olhar da produção científica na base de dados "Scopus"**. Orientadora: Profa. Dra. Nancy Sánchez Tarragó. 2022. 84f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48964>. Acesso em 30 Ago 2025.

SCHUCMAN, Lia Vainer. BRANQUITUDE. SIM, NÓS SOMOS RACISTAS: ESTUDO PSICOSSOCIAL DA. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 83-94. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>. Acesso em: 07 Ago. 2025.

SOUZA, Maria Cleonice Vergne de; ROCHA, Júlio da. A ESCRAVIDÃO: PASSADO E PRESENTE. **Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, v. 9, n. 14, p. e142004-e142004, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/opara/article/view/13676>. Acesso em: 07 Ago. 2025.

TANUS, Gustavo; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. Onde estão os autores e autoras negras? A literatura afro-brasileira nos acervos das bibliotecas públicas brasileiras. **Diacrítica**, [s. l.], v. 34, n. 2, p. 249–263, 31 jul. 2020. DOI 10.21814/diacritica.528. Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/528>. Acesso em: 30 ago. 2025.

APÊNDICE

Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/13R-k7E5K5npMdkKJsbfhixCjht31uUdg?usp=drive_link